



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOSÉ LUIZ SCHROEDER WANDERLEY JÚNIOR

**MÁRIO DE ANDRADE E A LITERATURA POPULAR NA ESCOLA
BRASILEIRA**

.

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

JOSÉ LUIZ SCHROEDER WANDERLEY JÚNIOR

**MÁRIO DE ANDRADE E A LITERATURA POPULAR NA ESCOLA
BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Jaime de Mendonça Junior

JOÃO PESSOA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

W246m Wanderley Junior, José Luiz Schroeder
Mário de Andrade e a Literatura Popular na Escolar Brasileira
[manuscrito] / José Luiz Schroeder Wanderley Junior. - 2016.
22 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Francisco Jaime Mendonça Júnior, PROEAD".

1.Educação. 2.Literatura Popular. 3. Escola. I. Título.

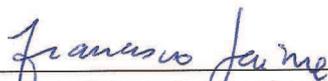
21. ed. CDD 370.1

José Luiz Schroeder Wanderley Júnior

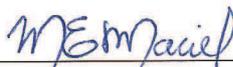
MÁRIO DE ANDRADE E A LITERATURA POPULAR NA ESCOLA BRASILEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

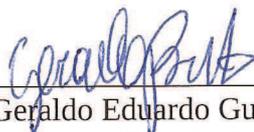
Aprovada em 06/12/2014.



Prof. Dr. Francisco Jaime de Mendonça Júnior / UEPB
Orientador



Prof. Msc. Maria Ellem Souza Maciel / UEPB
Examinadora



Prof Msc Geraldo Eduardo Guedes de Brito / UFPB
Examinador

Dedico esse trabalho aos tiradores de coco, emboladores, mestres de capoeira, cordelistas, cantadores, repentistas e todos os poetas populares.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha companheira Fábiana Nyelli pelo café preparado enquanto eu escrevia e ao Prof. Dr. Francisco Jaime pela atenção dedicada. Sem essas parcerias a monografia não seria possível.

Quem canta não advinha, volta atrás, vamo embolar.

Chico Antônio apud (ANDRADE, 2002, p. 116)

RESUMO

A monografia analisa a contribuição das pesquisas sobre folclore de Mário de Andrade para o ensino de Literatura Popular nas escolas de educação básica, além de discutir a importância desse fenômeno na formação da identidade nacional. O levantamento bibliográfico exposto demonstra o trabalho de Mário de Andrade para divulgar a Literatura Popular e comprovar o seu valor estético, histórico e social. Assim, Mário faz uma profunda crítica da sociedade brasileira, que sustenta uma escola que não valoriza a riqueza simbólica do seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade, Literatura Popular, Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
A Escolarização do Brasil.....	11
A presença da Literatura Popular na escola brasileira.....	12
Mário de Andrade e a Literatura Popular.....	15
Considerações Finais.....	18
REFERENCIAS.....	21

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico pretende associar a pesquisa etnográfica de Mário de Andrade ao ensino de literatura popular nas escolas, pois algumas observações desse trabalho repercutem na formação da escola básica brasileira, além de destacar o empenho do escritor como divulgador da Cultura Popular.

Acontecimentos ocorridos entre as décadas de 20 e 40, como as *Missões de Pesquisas Folclóricas*, projeto realizado durante a passagem de Mário de Andrade pelo departamento de cultura da cidade de São Paulo, além da publicação de *Macunaíma* ainda se refletem em políticas educacionais atuais. O efeito reflexivo da pesquisa estética de Mário de Andrade sobre a participação social nas produções de literatura veiculadas nas escolas de educação básica será aqui estudado.

O elemento marcadamente social nessa monografia é a proposta de discussão ideológica sobre a formação do currículo da escola básica. Compreender porque há uma literatura privilegiada, normatizada inclusive pelos mecanismos do sistema educacional, através do imaginário que Mário de Andrade alude da Literatura Popular. Além de contribuir para a adequação do modelo pedagógico ao alunado da escola pública, esse texto aponta ainda razões históricas e culturais que evidenciam a participação ou ausência da literatura popular na formação escolar.

A literatura deve ser vista como uma prática social, pois acumula as funções de memória e identidade cultural. É nessa perspectiva que o texto desenvolvido se enquadra à linha de pesquisa *A sociedade brasileira e as diferenças sócio-culturais*. Nessa condição esse estudo se justifica por abordar o ensino de Literatura Popular nas escolas de educação básica.

Essa pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada através de pesquisa bibliográfica, tendo colaborado metodologicamente disciplinas como a história e sociologia da literatura e a teoria e interpretação do discurso literário. No texto de Antonio Candido há uma forte marcação cronológica, que facilita a contextualização, Maingueneau e Ricouer tratam das questões discursivas enquanto questões de identidade e nacionalidade são os elementos dos textos de Bauman e Glissant. A etnografia e antropologia dos povos brasileiros serão exploradas nos textos de Mário de Andrade. Alguns artigos também foram consultados em sites da internet.

O texto é formado por três títulos: *A escolarização do Brasil* traça um breve percurso do desenvolvimento educacional do país, destacando acontecimentos que interessam a essa pesquisa; *A presença da Literatura Popular na escola brasileira*,

nesse capítulo há uma discussão conceitual sobre literatura popular além de observar a ausência dessa manifestação no ambiente escolar; por último *Mário de Andrade e a Literatura Popular*, capítulo que discute a participação de Mário de Andrade na divulgação e preservação da literatura popular, sobretudo no ambiente escolar.

A Escolarização do Brasil

A escola pública no seu surgimento foi uma instituição que oferecia os serviços, sobretudo, aos filhos das famílias mais ricas, tendo seu currículo construído baseado nos interesses desse público, que reproduzia as tendências europeias. As profissões pretendidas eram principalmente a medicina e o direito, pois favorecia a carreira política, real interesse da burguesia de uma república coronelista, da qual ainda hoje a sociedade preserva fortes traços.

Na década de 1920 a nova pedagogia começava a publicar material didático, beneficiada pelo desenvolvimento do mercado editorial, o número de escolas aumenta no país, além disso, começa a se discutir um “modelo nacional de sistema escolar” (GEBRIM, 2007, p. 88), pois o sistema de ensino ainda não era consolidado. Nesse período a literatura escolar se mantém fechada para as manifestações populares, reproduzindo apenas textos considerados clássicos ou canônicos. Porém a educação ainda não tinha se tornado produto de massas, porque o país possuía uma população predominantemente rural de tradição oral. A partir de 1930 inicia-se o processo de escolarização para atender ao desenvolvimento urbano e é criado o Ministério da Educação. Em 1932 foi publicado *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* assinado por intelectuais da elite brasileira, que propunha assim seus interesses.

A Escola, na constituição de 1881, era tida como um aparelho ideológico do estado, portanto sem autonomia, utilizada como mecanismo de dominação. Somente no ano de 1961 surge a Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (4.024/61) que sugere uma orientação social para a educação. Porém, pouco tempo depois, com o golpe de 1964, quando foi instituída a ditadura militar, a educação passou anos servindo aos interesses do estado, impedida de promover o livre pensar.

Com a abertura das escolas para um público completamente heterogêneo, e em sua maioria atingidos pela pobreza, não houve uma adaptação curricular que contextualizasse esse novo alunado ao espaço escolar que então frequentaria. Para Darcy Ribeiro essa é uma das principais razões da crise educacional, inegavelmente

presente nas escolas brasileiras e paraibanas. Não há sincronia entre a cultura escolar e a cultura social da realidade do aluno. Nessa condição as manifestações literárias populares são negligenciadas como material curricular para formação no ensino escolar, sendo reconhecido o potencial pedagógico somente de textos da literatura cujo prestígio é garantido pelo preciosismo, e principalmente pelos interesses das classes dominantes.

A pesquisa de Mário de Andrade foi de caráter estético e cultural, porém seus resultados influenciaram profundamente, depois da década de 1920, o estudo da literatura nas escolas brasileiras. “Um país que abrigava tantos povos provenientes de tantos países diferentes revelava a urgência em se definir a identidade do povo brasileiro. Essa identidade seria a afirmação do Brasil como Nação” (GONSALES, 2013, p. 60). A valorização da produção artística popular no cenário nacional contribuiria para a integração nacional e para o estabelecimento do estado brasileiro, aliás, uma nação democrática estava em formação.

A presença da Literatura Popular na escola brasileira

A Literatura Popular pode ser compreendida como a manifestação verbal das classes sociais que geralmente são excluídas dos processos formais de produção e enunciação do discurso. Essa literatura, segundo Cândido (2010, p.147) “requer uma comunhão de meios expressivos.” Manifestação estética produzida fora das universidades, das academias literárias, dos grandes veículos de publicação e do mercado editorial, espaços institucionalmente criados para oficializar a figura do escritor e para “[...] ajustar a literatura aos padrões estéticos e de consumo da classe dominante.” (CANDIDO, 2010, p. 57). Assim sendo evidencia um estado baseado em profunda divisão de classes, aliás, condição que favorece a produção dessa literatura. O aparelhamento do estado que garante essa condição privilegiada para a literatura oficial é assim descrito por Dominique Maingueneau (2012, p.90):

Rede de aparelhos em que os indivíduos podem constituir-se em escritores ou público, em que são garantidos e estabilizados os contratos genéricos considerados literários, em que intervêm mediadores (editores, livrarias...), interpretes ou avaliadores legítimos (críticos, professores...), cânons (que podem assumir a forma de manuais, antologias...)

Há manifestações populares de todas as naturezas, surgidas de necessidades diversas: de afirmação de identidade; de resistência revolucionária; da confluência de costumes, todas constituem a identidade de um povo organizado politicamente como nação, nesse sentido “um campo discursivo não é uma estrutura estável, mas uma dinâmica em equilíbrio instável.” (MAINGUENEAU, 2012, p.90). A presença africana, a consolidação da poesia marginal, o samba que desce dos morros, o maracatu e o coco de roda que aparecem de dentro do canavial, só para citar algumas manifestações, cada maneira de exprimir começa a procurar afirmar-se nos espaços escolares, de onde agora fazem parte e precisam ser bem assistidas, para “incorporação da riqueza profunda do povo” (CÂNDIDO, 2010, p.172). As manifestações da língua evidenciam a luta de classes, como demonstra Bakhtin (1999, p. 46):

Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes.

A urbanização e o êxodo rural empurraram os agentes da cultura popular para a marginalidade das periferias nas grandes cidades do país, reflexo de um modelo de desenvolvimento que não admite a diversidade e necessita da exploração para funcionar. Esse é o movimento no qual a cultura popular se perde, ou melhor, vira outra coisa, se transforma, e da tradição somente um *rastro/resíduo* permanece, como se refere Edouard Glissant às reminiscências das culturas que não existem mais, pelo menos como já foram um dia, quando o autor diz ainda que “A raiz única é aquela que mata á sua volta, enquanto o rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes.” (GLISSANT, 2005, p.71).

A literatura além de objeto estético é resultado de dados sociais e de um momento histórico, e nisso influencia também qual tipo de literatura será difundido e como se dar a “interação verbal” (BAKHTIN, 1999, p. 41). A participação da literatura popular nos currículos da atual escola brasileira ainda é muito modesta, vista apenas de forma transversal, porém essa presença pode estabelecer novas perspectivas. Esse é um aspecto social e político relevante na reivindicação dos direitos, na ocupação dos espaços, na desconstrução dos preconceitos e na busca pela igualdade na participação da construção da sociedade.

É inegável a contribuição pedagógica das cantigas da capoeira, por exemplo, que são preservadas oralmente por gerações, ensinadas por mestres (chamados assim como prova de notório reconhecimento) e repetidas nas ruas, nas músicas. Poesia que

acumula também a função de registro histórico sobre a escravidão, mas que já não é como em sua origem, tendo sido transformada pela contemporaneidade, mantendo de suas raízes tradicionais somente traços, “resíduos”. Para Bakhtin (1999, p. 41) “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” esse potencial representativo que possui a Literatura é capaz de preservar simbolicamente as manifestações literárias de uma parte excluída no processo de urbanização.

Há culturas com tradições mais isoladas ainda, que possuem vasto conhecimento sem registro escrito, porque “(...) inscrever não é forçosamente escrever. As literaturas orais são *inscrites*, como o são numerosos enunciados míticos orais, mas essa inscrição segue caminhos que não são os de um código gráfico.” (MAINGUENEAU, 2012, p.63) e, portanto oferecem algo particular, que trazem consigo a maneira de enunciar de um povo. Por outras razões, Platão, Rousseau e Bergson também defendiam o discurso oral em oposição à escrita, como mostra Ricoeur (2011, p.59):

O ataque platônico contra a escrita não é um exemplo isolado na história da nossa cultura. Rousseau e Bergson, por exemplo, por razões diferentes, associam à escrita os principais males que atormentam a civilização. Para Rousseau, enquanto a linguagem apenas baseada na voz preserva a presença de cada um a si mesmo e aos outros, a linguagem era ainda expressão da paixão, era eloquência e não ainda exegese. Com a escrita começou a separação, a tirania e a desigualdade.

Um dos “problemas” de integrar a Literatura Popular ao ambiente escolar e artístico é submetê-la as transformações, que de qualquer maneira, cedo ou tarde, atinge essa literatura, que é reconhecida principalmente por preservar um material simbólico tradicional. Outro problema fundamental é a questão da oralidade, já que na sociedade contemporânea a cultura é cada vez mais escrita.

O Brasil tem uma estrutura sócio-política que dificulta a livre manifestação e circulação da Literatura Popular. As tradições se perdem porque não são aceitas na sociedade contemporânea, precisam se adaptar aos novos padrões de civilização. Esse fenômeno demonstra como as classes exploradas no processo de urbanização não têm direito de preservar o seu imaginário, se perdendo uma história coletiva. Bakhtin (1999, p. 52) “a palavra é um material privilegiado na expressão do psiquismo” para confirma a ideia anterior.

Mário de Andrade e a Literatura Popular

Mário de Andrade é um dos maiores nomes do movimento modernista, e trabalhou, sobretudo, como pesquisador da cultura do povo brasileiro, foi um dos primeiros pensadores do país a problematizar a cultura popular e trazer a discussão para o grande ciclo de escritores. Fez viagens de pesquisa etnográfica pelo norte e nordeste brasileiros, registrando as manifestações estéticas de muitas cidades dessas regiões para preservar costumes que seriam fortemente abalados pelo desenvolvimento da indústria cultural.

O autor manifesta uma tendência analítica, característica do modernismo e do surgimento das universidades, apesar de libertar-se, pelo menos na forma, do academicismo. *Macunaíma*, publicado em 1928 (com a primeira tiragem de 800 exemplares paga pelo autor), tornou-se a obra mais importante do movimento modernista, romance que carrega informações de sua pesquisa etnográfica. A narrativa destaca além dos costumes dos povos brasileiros, a contradição entre tradição e modernidade. É nesse sentido que o autor liberta-se da forma.

Sobre a seguinte frase de *Macunaíma*: “grito imperioso de brancura em mim” Candido (2010, p.118) diz que Mário de Andrade exprime “sob a forma de um desabafo individual, uma ânsia coletiva de afirmar componentes europeus da nossa formação”. Mais do que afirmar os componentes europeus da nossa cultura, o escritor de *Macunaíma* pretendia mostrar como é “imperioso” esse sintoma. Toda a pesquisa de Mario de Andrade buscava compreender as manifestações estéticas do povo brasileiro, as raízes dos costumes, pois como o próprio Mário demonstra, a relação do Brasil com Portugal deixou fortes marcas, que ele procura evidenciá-las para compreender o fenômeno da mestiçagem.

O movimento modernista brasileiro “[...] que teve suas manifestações mais características de 1922 a 1935” (CANDIDO, 2010, p.168), e que, apesar do caráter revolucionário, apresentava fortes influências europeias, exerceu relevante reflexo nas transformações educacionais ocorridas a partir de então. A nova escola tinha novas perspectivas para abrir as discussões sobre a literatura popular, e a nova literatura oficial, chamada modernista, exaltava as manifestações estéticas das comunidades tradicionais, além de utilizá-las como matriz simbólica da sua própria produção. A partir de então “a literatura modernista se torna acentuadamente social” (CANDIDO, 2010, p.166). A Cantoria de Repente, a Literatura de Cordel, o Romanceiro, o Cancioneiro, o

Conto e o Teatro Popular entre outros gêneros orais e escritos, em prosa ou verso, possuem inegável potencial semântico, e depois do modernismo, condições necessárias para ocupar espaço representativo na sociedade.

Em 1929 numa viagem de pesquisa de Mário de Andrade ao Rio Grande do Norte ele conheceu Chico Antônio, que segundo o próprio Mário possuía uma “riqueza lírica inestimável” (ANDRADE, 2002, p. 35). Chico Antonio era um embolador de coco, apresentado ao escritor paulista pelo seu amigo, parceiro nas pesquisas folclóricas, Câmara Cascudo.

O coco é manifestação ainda hoje muito presente principalmente no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. A poesia é composta da alternância de estrofes, principalmente de quatro versos, e refrão, que são conhecidos tradicionalmente ou improvisações. Chico Antonio preserva reminiscências dessa arte e sua poesia foi profundamente estudada por Mário de Andrade.

O escritor modernista tinha o projeto de escrever um livro, que se chamaria *Na Pancada do Ganzá* e analisaria a poesia de Chico Antonio, porém Mário de Andrade nunca realizou esse trabalho. Deixou, todavia, vasto material que faria parte do livro, como poemas, informações estéticas e biográficas publicado, além de crônicas publicadas no jornal Folha da Manhã. A capacidade criativa do tirador de coco e o potencial para emocionar são assim descritas por Mário de Andrade quando do primeiro encontro (ANDRADE, 2002, p. 277):

Que artista. [...] O que faz com o ritmo não se diz! [...] Chico Antônio vai fraseando com uma força inventiva incomparável, tais sutilezas certas feitas que a notação erudita nem pense em grafar, se estrepa. E quando tomado pela exaltação musical, o que canta em pleno sonho, não se sabe mais se é música, se é esporte, se é heroísmo. Não se perde uma palavra que nem faz pouco, ajoelhado pro *Boi Tungão*, [...] contando a briga que teve com o diabo no inferno, numa embolada sem refrão, durada por 10 minutos sem parar. Sem parar. Olhos lindos, relumeando numa luz que não era do mundo mais. Não era desse mundo mais.

Mário de Andrade evidencia preocupação estética de Chico Antônio quando cita os versos com os quais o coqueiro se despediu do escritor paulista pela ocasião de sua partida, presenteando-o com o seu ganzá, como prova de camaradagem. Por meio desse trecho também se pode perceber o lirismo da obra de Chico Antônio (ANDRADE, 2002, p.357):

O ganzá chiou num soluço. Ai, seu doutô, quando chegar em sua terra, vá dizer que Chico Antônio é danado pra embolar! Adeus casa, adeus amigo, adeus sala de se estar! Adeus lápis de escrever! Adeus papel de assentar! Adeus as moças sensatas, adeus luz de alumiar, adeus casa

de alicerce e a honra deste lugar! [...] Nunca mais que nós se visse!
Mas a saudade mais triste, presença deste ganzá: Eu de cá fico
sentindo, e vós, do lado de lá.

Através do poema *Braz Macacão* do escritor Catulo da Paixão Cearense, estudado por Mário de Andrade (ANDRADE, 1972, p. 20) é possível observar o universo semântico das rodas de cantadores, a sua formação, enredo, além do vocabulário, sempre destacando elementos sociais no material simbólico:

Rabeca, fruta, pandêro,
Crarineta, violão,
Um bandão de cavaquinho,
Um ofiscreide, um gaitêro
Que era um cabra mesmo bão,
Caxambú
[...]

Os produtores desse discurso com preocupações estéticas, chamado aqui de Literatura Popular, que constituem a maior parte da população, são oprimidos quando submetidos a uma identidade que não é a sua, crenças e valores estéticos que não lhes pertence, como se vê em Zigmunt Bauman (2004, p.44):

Aqueles que tiveram negado o acesso a escolha da identidade, que não tem direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não tem permissão de abandonar, nem das quais consegue se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam e estigmatizam.

A tendência regionalista que se desenvolveu no segundo momento do modernismo, exerceu um forte papel na afirmação da cultura popular e no registro verbal dessas manifestações, como acontece com romances de importantes escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Todavia o regionalismo criou uma oposição ideológica às pesquisas de Mário de Andrade, uma vez que este escritor pretendia a ruptura com o exotismo praticado contra as figuras folclóricas da cultura popular brasileira, como afirma Andrade (2000, p. 64):

Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante a ideia da nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. O regionalismo insistiria na diferenciação, salientando não o caráter individual psicológico de uma raça, mas seus lados exóticos.

O projeto estético de Mário de Andrade fazia oposição à imagem exótica que muitas manifestações artísticas produzidas durante o movimento modernista

criaram das tradições brasileiras, além de criticar a literatura, o escritor também faz referência á músicas de Villa-Lobos. Sua preocupação, sobretudo, diz respeito ao resgate do que realmente faz referência ao imaginário simbólico tradicional, como pode ser visto em Andrade (1972, p.2):

Como a gente não tem grandeza social nenhuma que nos imponha ao Velho Mundo, nem filosófica que nem a Ásia, nem econômica que nem a América do Norte, o que a Europa tira da gente são elementos de exposição universal: exotismo divertido.

A grande contribuição de Mário de Andrade para a Literatura Popular foi registrar e analisar essa manifestação estética. Os alunos das escolas de educação básica, não apenas, mas muitos alunos do ensino superior, não tomam conhecimento da poesia de sujeitos como Chico Antonio.

Mario de Andrade exerce o próprio papel educativo e divulgador da Literatura Popular, sem intermédio da escola, uma vez que esta não aceita, por questões ideológicas as manifestações produzidas pelas classes mais pobres da organização social.

Considerações Finais

As pesquisas etnográficas de Mario de Andrade pouco puderam fazer, em sua época, pelo reconhecimento nas escolas de educação básica da Literatura Popular, dada a administrações aristocráticas dos serviços públicos. Somente há poucos anos essa Literatura, com muita dificuldade vem penetrando os ambientes escolares, por conta das políticas recentes de multiculturalismo.

O material coletado nas pesquisas etnográficas de Mário de Andrade está hoje estocado em arquivos na cidade de São Paulo. Levando em consideração o tempo transcorrido desde toda pesquisa de Mário, materiais como papel, gravações de vídeo e áudio, fotografias devem ter sofrido efeitos da deterioração. O problema mais sério é que não se usa o material dessa pesquisa etnográfica nas escolas, a pesquisa para esta monografia não tomou conhecimento de sequer um texto desse cuidadoso trabalho de Mário de Andrade publicado em livro didático.

A produção científica e estética de Mário de Andrade não influenciou na apropriação por parte das escolas de educação básica do material literário coletado pelo escritor. Porém é evidente a influência do arquivo construído por Mário, dos nomes e

lugares citados, enfim, de toda a pesquisa, nos movimentos estéticos que seguiriam após o Modernismo, como é o caso do Movimento Armorial, que tentava aproximar o erudito e o popular, e dos movimentos de resgate de identidade que se observa na arte contemporânea.

É difícil aceitar que mesmo hoje, tantos anos depois da pesquisa de Mário de Andrade, a presença da Literatura Popular nas salas de aula das escolas brasileiras seja limitada, aparecendo na condição de currículo auxiliar. A escola não está refletindo os interesses da sociedade, está pelo contrário servindo como mecanismo de exclusão, quando sobrepõe a literatura oficial sobre todas as outras formas de expressão sensível.

Não se encontrou durante essa pesquisa nenhuma referência direta em documentos oficiais do governo (LDB, PCN) à literatura popular, somente como temática transversal.

A pesquisa foi limitada no sentido de não identificar manifestações isoladas de inclusão da Literatura Popular no ambiente escolar, além de não identificar manifestações fora da escola, campo que pode ser futuramente explorado, pois o principal veículo de divulgação da Literatura Popular não é a escola, mas o ambiente informal do cotidiano.

A marca da profunda divisão entre ricos e pobres que prevalece na organização política e econômica do país manifesta-se inclusive na veiculação dos textos literários na escola.

Poucos cursos de graduação em Letras possuem a disciplina de Literatura Popular, o que indica que é reduzido o número de professores que levam esse conhecimento desde a sua graduação. O número de cursos que oferecem essa disciplina tem aumentado, mas ainda é modesto esse reflexo. Por enquanto nem mão de obra preparada para ensinar Literatura Popular nas escolas de educação básica o país possui.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. **Ensaio sobre a música brasileira**. 3. ed. São Paulo: Vila Rica, 1972.

_____. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. **O Turista Aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

_____. **Vida do Cantador**. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRASIL. Lei nº9.394 de 20 de dez de 1996, que estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 Jan. 2014.

BRASIL. Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14024.htm. Acesso em: 15 Jan. 2014.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

GEBRIM, Virginia Sales. **A Difusão dos Saberes e Práticas Escolares na pedagogia nova: o livro como dispositivo estratégico**. Revista Educativa, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 85-95, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/viewFile/176/139> Acesso em: 20 de outubro de 2014:

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONSALES, Patrícia Cecília. **A missão de pesquisas folclóricas realizada pelo departamento de cultura de São Paulo na gestão de Mário de Andrade (1934 a 1938) e sua contribuição para a cultura popular brasileira**. v. 01, n. 7, pp. 54-67, 2013. Disponível em:

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, Darcy: **Gentidades**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2011.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **A inserção da Literatura Popular nos Cursos de Letras**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/31dfaa579ab143648db86f5106ae6f96_335_364.pdf Aces